

A PROIBIÇÃO DO FUTEBOL FEMININO E A RESPONSABILIDADE DA MÍDIA IMPRESSA: UMA ANÁLISE DO DISCURSO DAS NOTÍCIAS SOBRE FUTEBOL FEMININO EM 1940 E 1941¹

Lara Bianca Alves Lima²
Professor Dr. Ícaro Joathan de Sousa³
Centro Universitário INTA, Sobral – CE

RESUMO

O artigo sintetiza minha monografia que aborda o período histórico de 1941, quando o futebol feminino teve sua prática proibida no Brasil, por meio do Decreto-lei nº 3.199 assinado pelo então presidente Getúlio Vargas. Por meio de pesquisas na hemeroteca nacional, mapeando como os jornais impressos da capital, Rio de Janeiro, e da maior metrópole, São Paulo, noticiaram a proibição e seus desdobramentos. Busco aqui, por meio da análise do discurso, estabelecer a responsabilidade social dos comunicadores sobre acontecimentos que afetaram o desenvolvimento do esporte feminino no cenário nacional, remontando comportamentos do passado que servem como justificativas as dificuldades persistentes nos dias atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol feminino, jornalismo esportivo, gênero.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, iremos levantar e caracterizar as problemáticas que habitam o futebol feminino até os dias de hoje, destacando o papel do jornalista no processo, a responsabilidade social do comunicador, e a visão que a mídia atribui aos atletas. Situada no debate sobre a questão de gênero na prática esportiva e sua interface com o jornalismo. Esta produção investiga um momento específico desta trajetória: os periódicos impressos que circulavam em 1941, quando o então presidente, Getúlio Vargas, sancionou o Decreto-lei nº 3.199 que proibia a prática esportiva por mulheres. Recolhendo as notícias que citam a modalidade em busca de responder às questões desta pesquisa: Qual a narrativa empregada pela mídia quanto à instituição da proibição da prática esportiva por mulheres?; Como foi dado, ou negado, apoio ao decreto-lei nas

¹ Trabalho apresentado no IJ06 - Comunicação e Interfaces, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista Graduada do Curso de Jornalismo do Centro Universitário UNINTA, email: larabiancalima@gmail.com

³ Orientador do trabalho Professor Doutor Ícaro Joathan de Sousa Centro Universitário UNINTA, email: icarojoathan@uninta.edu.br

páginas dos jornais? e Como a imprensa via e comunicava a prática do esporte por mulheres?

Tal decreto estabeleceu as bases de organização dos desportos em todo o país, numa ação que buscava a profissionalização do esporte no Brasil e a clareza nos processos que envolviam as competições, estabelecendo normativas como oficialização de campeonatos de esportes como remo, basquete e futebol. Inviabilizou o acesso das mulheres a alguns esportes, para eles, condizentes com a prática amadora, não profissional. Destaca-se também o respaldo aos discursos vindos de profissionais da saúde e acadêmicos alegando que a prática de atividades físicas poderia ser um risco para a saúde e fertilidade dos corpos femininos, amplamente compartilhados outrora.

É possível aqui aferir, por meio da análise do discurso, qual foi a visão do jornalismo esportivo a respeito da ocupação destes espaços por mulheres, compreender a relevância do comunicador, que não se diminui dentro da realidade do jornalismo especializado. Além de entender a influência dos periódicos dentro do cenário nacional do futebol. Identificar assim as questões que perpassam a realidade da mulher e suas ações, que por sua vez, justificam tais medidas tomadas atualmente para aumentar a representação que outrora foi negada.

FUTEBOL E FEMININO

É importante o distanciamento do entendimento do futebol feminino, ele deve ser visto como outro esporte, independente do masculino, que possui características que destoam no que diz respeito a sua posição na sociedade. Em específico no território nacional, com a proibição e perseguição, que perdurou por mais de 40 anos, tornou o processo lento em todo o mundo, inviável por décadas. Foi somente na Década de 2010 que as discussões de gênero ganharam força na sociedade ocidental, chegando neste campo tão masculinizado que é o esporte (Esqueda, 2010).

Compreender como um esporte por si, também é necessário entender que a perseguição sofrida no Brasil não foi exclusiva. Os primeiros jogos de mulheres aconteceram na Inglaterra e foram impedidos por populares de prosseguir, ganhando manchetes que desmoralizam as mulheres que se dispuseram a participar destas partidas. Já atualmente, em 2023, os países latinos apresentaram medidas restritivas e posicionamento firme da mídia contra a prática (Esqueda, 2010).

Ao remontar o passado, o movimento de resistência foi intrínseco ao futebol feminino, desde seus primeiros passos, como em 1881, quando aconteceu o primeiro amistoso internacional, entre Inglaterra e Escócia, que não pode ser concluído, tendo em vista que locais invadiram o campo para impedir as atletas de jogar. Anos depois desse episódio, em 1894, foi fundado o primeiro time composto por mulheres, o British Ladies Football Club, que em seu primeiro jogo foi duramente criticado pela imprensa (Bosch, 1999).

Entende-se que a principal barreira enfrentada por mulheres no esporte, advém das mesmas problemáticas que habitam a realidade material das mulheres de maneira geral, e em diversos outros contextos que não o esportivo (Anjos, 2020). A sociedade, ministrada por homens, busca atender as expectativas estabelecidas a respeito do desempenho delas para com o meio, desempenhar as funções de cuidado, zelo, sutileza, reprodução, maternidade, manutenção do lar e da feminilidade dentro da normativa ocidental contemporânea (Beauvoir, 1980).

Movimentos que nasceram da ideia de contrariar a afirmativa que as mulheres somente cabe cuidar e zelar pelas vidas que as cercam, e não estar atuando vividamente em outras áreas, como no esporte (Araújo, 2021). Em diversos âmbitos, das jornalistas posicionando-se contra o assédio moral que sofrem em sua profissão, criando a campanha #deixaelatrabalhar que foi amplamente divulgada. Visava conscientizar a população sobre os desafios que encontram na rotina de trabalho sendo mulher em um ambiente que a faz não se sentir bem-vinda, denunciar discursos que por muitas vezes são normalizados.

JORNALISMO E ESPORTE

Tão logo as crônicas de Mário Filho ganharam as páginas do jornal *A Manhã*, sua forma emotiva e entusiasmada de falar de esporte conquistou admiradores e foi se tornando a nova norma para a escrita. Mais tarde, em 1931, fundou o *Mundo Sportivo*, periódico que dedicaria exclusivamente ao esporte. A decisão de levar suas opiniões nas suas palavras ao noticiar sobre futebol o tornaria até hoje o maior nome do jornalismo esportivo no Brasil (Capraro, 2011). Responsável por termos e apelidos que habitam até hoje o entendimento do brasileiro, como o “fla-flu” clássico do futebol carioca entre os times do Flamengo e Fluminense (Dantas, 2015).

Já em São Paulo, foi Cásper Líbero, ao adquirir o jornal *A Gazeta*, em 1918 que iniciou a modernização do jornalismo esportivo paulista. Como Mário Filho, julgava inadequada a maneira formal de se ater ao futebol, pois encarava o segmento com passionalidade. Foi junto a Tomás Mazzoni, jornalista italiano radicado brasileiro, que colocou o torcedor nas páginas de seu jornal, tratando jogadores por seus nomes, não sobrenomes ou demais formalidades comuns ao período. Em 1947, Líbero criou o folhetim subsidiário ao seu *A Gazeta*, o especializado em esportes, *A Gazeta Esportiva*, onde comentavam e davam suas opiniões sobre o desempenho dos jogos, não somente emitindo os calendários dos compromissos esportivos do estado. Criava-se ali, um modelo, um novo hábito, aos jornalistas e leitores do gênero (Dantas. 2015).

Em 1928, Mazzoni publicou a primeira edição de seu Almanaque Esportivo, revista que documentava as principais informações e dados sobre os esportes praticados no Brasil, em especial em São Paulo. Seu apreço pela documentação e registro de dados o tornaria um dos principais jornalistas a serem referenciados no que diz respeito à caracterização do jornalismo esportivo como um campo de análise de dados, informativo e também opinativo.

O papel da mídia permanece fundamental para a construção do senso comum a respeito da mulher no esporte, de suas atletas e das profissionais circunscritas a ele. Ambiente que contribuiu, seja para desmoralizar ou para dar voz a essas que habitam este espaço. A valorização da categoria, o posicionamento jornalístico não somente permeia os processos, como foi personagem central em diversas ocasiões.

MÉTODO E ANÁLISE

A metodologia escolhida foi a análise do discurso, por meio da qual se pode compreender os textos jornalísticos, interpretá-los e entender o peso e valor atribuído às palavras ali impressas (Orlandi, 2005), bem como encarar os jornais como registros históricos que nos levaram para o ambiente de 1941, para compreender como era esta sociedade que proibia mulheres de praticarem o esporte mais popular do país e saber quais eram seus posicionamentos e perspectivas tomando os jornais como referência.

A análise do discurso busca compreender a intencionalidade, a finalidade do que é escrito, assimilar o que o escritor pensa e procura imprimir nas páginas para além das palavras, o significado delas, assim, encontrar o *ethos* do texto. É um método

qualitativo, em razão disso, as amostras coletadas não necessitam de quantidade, uma só notícia tem muito a dizer sob esta perspectiva (Orlandi, 2005). No caso de jornais, o discurso é também visual, analisaremos como a notícia se apresenta para o público, o local que está no papel, o seu tamanho físico, sua manchete.

Assim, iremos analisar os discursos e posicionamentos dos jornais cariocas A Batalha, A Manhã, Diário de Notícias, Jornal dos Sports e O Imparcial e os paulistanos A Gazeta, Correio Paulistano e Diário da Noite sobre a proibição da prática de futebol feminino no Brasil decorrente da medida. Investiga de que forma os referidos jornais decidiram posicionar seus discursos diante da questão da lei que tornava ilegal a prática esportiva por mulheres no Brasil, em específico o futebol. Questionando se houve organização, agendamento, da mídia para posicionar-se contra ou a favor da medida, por meio da análise do conteúdo das páginas desses jornais.

Os jornais selecionados seguiram o critério de relevância, pois figuravam entre os de maior circulação no período, possuíam caderno voltado ao esporte e citações das palavras-chave. A quantidade foi pensada na pluralidade de visões, ao passo que não inviabiliza uma análise com mais afinco do conteúdo.

Os jornais selecionados para análise cumprem os critérios estabelecidos. Alguns jornais como o Diário do Rio de Janeiro e A Gazeta de Notícias possuíam editoria esportiva, todavia, não noticiou a respeito do futebol feminino, ou o fez usando de outras palavras, ficando assim fora da seleção. Tal como *O Jornal* que tinha boa circulação, porém não tinha editoria de esportes ou citação da modalidade, sendo assim excluído.

O posicionamento editorial dos jornais não foi critério para escolha, mas sim as aparições de notícias sobre futebol feminino. Contudo, após escolhidos, foi possível identificar que, de maneira geral, eles tinham a posição de relatoria, noticiavam os principais eventos das metrópoles e do governo sem um grande viés identitário de apoio ou oposição.

RESULTADOS

Em um preâmbulo, é possível destacar que a abordagem dos jornalistas era potencialmente dividida a respeito de como noticiar o futebol praticado por mulheres. O *Jornal dos Sports* do Rio de Janeiro era declarado apoiador e financiador da modalidade,

tendo em vista que chegou a promover a viagem dos times Realengo E. S. e Brasileiro F. C. para jogar em São Paulo, no Pacaembu, em maio daquele ano, em uma partida que antecede ao confronto dos times masculinos de Flamengo e São Paulo.

Figura 1 - Notícia publicada no jornal Diário de Notícias em 3 de maio de 1940



Fonte: Diário de Notícias Esportivo, 1940

Leda Maria Costa no artigo *Beauty, effort and talent: a brief history of Brazilian women's soccer in press discourse* aponta que foi neste período que a imprensa começou a buscar informar sobre os jogos femininos, ainda que a maioria fosse apenas por lazer em comunidades da capital os escritores tinham interesse de expressar suas opiniões sobre a novidade.

Já o paulista Diário da Noite, não trouxe a conquista das jogadoras para suas páginas, mas a notícia que o “Sr. José Fuzeira”⁴ levará ao Presidente o alerta dos riscos defendidos por ele quanto a prática de futebol por mulheres, solicitando que as autoridades tomem “providências para que se freie este movimento que se alastra rapidamente, empolgando os jovens”, aqui a manchete carrega adjetivos também, mas desta vez negativos, ao chamar de “disparate” o futebol feminino. Porém, é apontado já esta época que era um movimento crescente.

⁴ RÉGIS, Dóris; DONA, Ligia; COLLUCI, Bruna; ROSA, Julia. “Quem será esse senhor José Fuzeira?”. Centro de Referência do Futebol Brasileiro, Medium. 2019. Disponível em: <https://medium.com/museu-do-futebol/quem-ser%C3%A1-esse-senhor-jos%C3%A9-fuzeira-220218b2254e>

Figura 2 - Notícia publicada no Diário da Noite, 7 de maio de 1940



Fonte: Diário da Noite, 1940

José Fuzeira não era nenhuma autoridade, era um escritor, contudo, os jornais acharam seu posicionamento relevante para ganhar destaque nos noticiários em uma notícia com a manchete levando as aspas da carta, que foi inteiramente publicada naquela edição para chegar ao público sua “recomendação”. A pauta sobre a inadequação dos corpos femininos ao futebol ganharia ainda mais vozes e respaldo de autoridades, como a Liga de Educação Física que recomendou também a proibição.

O Museu do Futebol atribui esta notícia como o pontapé inicial para a movimentação pedindo a proibição do futebol feminino. Antes dela no paulista Gazeta Esportiva, também houve posição contrária no texto do colunista Helenico. Já o carioca *Jornal de Sports* publicou uma carta em resposta a de José Fuzeira, a autora era Margarida “Adyragram” Pereira, compositora, zagueira e capitã e presidente do S.C. Brasileiro.

No livro *Futbolera: A History of Women and Sports in Latin America* da historiadora Brenda Elsey, ela destaca que a “preocupação” da população com a saúde das mulheres era apenas uma tentativa argumentativa para frear a inserção destes corpos no esporte notoriamente masculino (Caillois, 1990). Assim, a saúde ou fertilidade das

mulheres não era a verdadeira motivação dos apoiadores da proibição, mas o argumento irrefutável.

Na década de 1940 já se sabia muito bem que o esporte não era prejudicial. Na verdade, havia toda uma escola no Rio de Janeiro desenvolvendo pesquisas sobre como a atividade física beneficiava a saúde materna. Ou seja, tudo não passou de uma tática para limitar a liberdade das mulheres, suas atividades no tempo livre e sua capacidade de expressão, além de uma grande demonstração de homofobia (Else, 2020).

Para além do posicionamento genuinamente pessoal dos jornalistas a respeito, os jornais buscavam o respaldo de especialistas, como foi a grande manchete “O Football mata a Graça da Mulher” onde o assistente da Escola de Medicina, Dr. Humberto Balariny, comenta que o esporte tira a “elegância” das mulheres e que existem espaços que só cabem aos corpos masculinos. A fala do especialista não é respaldada em nenhum momento por pesquisa ou dados científicos, e uma opinião como todas as outras apresentadas. Cabe ressaltar que seu artigo foi publicado em dezembro de 1940 da revista *Educação Física* com o título “*Por que a mulher não deve praticar o futebol*”, mas somente em janeiro de 1941 estampou uma manchete noticiosa.

Esta é mais uma notícia que permeia o futebol feminino mas não estava localizada no caderno de esportes, levando a crer que era uma problemática social e não parte dos anseios atléticos, como apontado por Leda Maria Costa no artigo *Beauty, effort and talent: a brief history of Brazilian women's soccer in press discourse* este discurso não era sobre a saúde física mas as normativas comportamentais.

O discurso é uma forma de ação (Charaudeau, 2004), ele estabelece que o que é dito na linguagem escrita será feito, uma enunciação do que está por vir de maneira material e não textual. Quando a notícia carrega o título “*O Futebol Feminino Vai Acabar...*” o jornalista aponta a promessa de ação. Já no corpo do texto, o discurso assume orientação, isto é, ele respalda o que o sujeito que o escreve defende. O fato noticioso em si é a 2ª delegacia tomar iniciativas para findar a prática, todavia, ao afirmar “*A polícia faz bem em acabar de vez com o futebol feminino.*” o sujeito deste discurso estabelece concordância com a ação da

É possível responder uma questão pontual da pesquisa: Qual a narrativa empregada pela mídia quanto à instituição da proibição da prática esportiva por mulheres? E a resposta é que sim, houve clara negativa dos jornais a prática do futebol

feminino e campanha para que o Estado interviesse para que mulheres não fossem mais vistas nos campos.

Desde a escolha de publicar uma carta de um homem que não possuía notoriedade no meio esportivo que solicitava ao Presidente a veemente proibição. A publicação do artigo de um médico que não atribuía dados científicos para assegurar sua afirmativa da inadequação das mulheres em ocupar este espaço. O acompanhamento da perseguição policial ao time Primavera F.C. e as colunas com as expressas opiniões desprestigiando a modalidade. Os jornais de grande circulação estavam a favor do cerceamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imprensa não registra e notifica a sociedade como sujeito alheio a ela, faz parte e integra as diversas dinâmicas que cercam o viver em comunidade e coexistir dentro de uma realidade moral e ética contemporânea às crenças e culturas produzidas naquele momento. Em uma sociedade onde mulheres não podiam praticar o esporte que lhes apetecia, não poderiam também falar, não poderiam expressar-se, assim, não estavam nos jornais. Não como os nomes que assinam a notícia, não como protagonistas, tampouco como forças de oposição.

O presente é certamente diferente: na bancada do jornal, estão ali um homem e uma mulher; na transmissão de jogos, é possível ouvir vozes femininas. Os arquivos da história recente do futebol feminino podem apontar grandes nomes como Marta, Formiga e Cristiane; e times de expressão como o Barcelona na Europa e o Corinthians e o Palmeiras no Brasil. Realidade positiva, porém o crescente interesse em colocar mulheres em espaços que foram negados não é genuíno, é ação coerente aos anseios de uma nova conjuntura social que começou a tomar consciência da problemática de não haver diversidade na mídia ao passo que o mundo está cada dia mais diverso.

Há uma responsabilidade da imprensa nacional em criar espaços hoje que ela mesma colaborou para excluir - como foi registrado nesta pesquisa. Contudo, não é válido propor que é bondade ou consciência empírica; os espaços que hoje são criados não são um presente, mas sim uma conquista para as que insistem em existir e serem seus próprios sujeitos em seus próprios discursos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Auriel. **Evas do gramado: a história do Primavera Atlético Clube, o time de futebol feminino proibido no Governo Vargas**. Rio de Janeiro: Hanoi Editora, 2017.

ANJOS, Júlia Cavalcanti Versiani. **Misoginia como retórica política: o caso do movimento anti sufrágio**. Revista Ártemis, vol. XXX nº 1; jul-dez, 2020. pp. 401-421

ARAÚJO, Érika Alfaro. **Mulher e futebol: a cobertura e a transmissão da televisão aberta brasileira da Copa do Mundo 2019. 2021**. Dissertação de Conclusão (Mestrado em Comunicação) – FAAC – Unesp, sob orientação do Prof. Dr. Mauro de Souza Ventura, Bauru, 2021.

BEAUVOIR, S. **O segundo Sexo: Fatos e Mitos**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980
BRASIL. **Decreto Lei nº 3.199** de 14/4/41 – Estabelece as Bases de Organização dos Desportos em todo o país.

CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens**. Lisboa: Ed. Cotovia, 1990.

CAPRARO, André Mendes. **Mário Filho e a “Invenção” do Jornalismo Esportivo Profissional**. Movimentos, Porto Alegre, v. 17, n. 02, p. 213-224, abr/jun de 2011

COSTA, Leda Maria da. **Beauty, effort and talent: a brief history of Brazilian women’s soccer in press discourse**. Soccer and Society, 15(1), pp. 81-92, 2014.

COSTA, Leda Maria. **Futebol folhetinizado: A imprensa esportiva e os recursos narrativos usados na construção da notícia**. Rio de Janeiro: Comunicação e Esporte. Vol.17, Nº02, 2º semestre 2010

COSTA, Leda Maria. **O futebol feminino nas décadas de 1940 a 1980**. Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, n. 13, 2017, p. 493-507. Disponível em [PDF](#). Acesso em 12/04/2023.

DANTAS, Monique de Andrade. **Mulheres no jornalismo esportivo**. 2015. 99 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

ESQUEDA, Martha Santillán; GUNTÚS, Fausta. Fútbol femenino en México, una percepción de género a través de la prensa al inicio de los años setenta. Esporte e Sociedade. Ano 5, n. 15, jul./Out 2010.

ELSEY, Brenda; NADEL, Joshua. **Futbolera: A History of Women and Sports in Latin America**. Austin: University of Texas Press, 2019.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. 10.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, [1999], 2005a.

RODRIGUES, Nelson. **Mário Filho, o criador de multidões**. MARON FILHO, O.; FERREIRA, R. (Orgs.). Fla-Flu... e as multidões despertaram. Rio de Janeiro: Europa, 1987.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Faesa – Vitória – ES
De 11 a 16/08/2025 (etapa remota) e 01 a 05/09/2025 (etapa presencial)